

# QUANTAS PAISAGENS

## DÉLIA DE CARVALHO • ENGRÁCIA CARDOSO

Quanto mais descobrimos as maravilhas da natureza, mais nos tornamos conscientes de nós mesmos.

Hilma af Klint, 1917

Quando Délia e Engrácia partilharam comigo a vontade de fazerem uma exposição conjunta, aqui no CAAA, propus-lhes fazer a sua curadoria. Pareceu-me fascinante o exercício de pôr em diálogo estes dois corpos de trabalho que versam sobre a paisagem e que, numa primeira aproximação, me pareciam tão díspares.

As obras de Délia de Carvalho, são lugares onde a verticalidade imponente das árvores é frequentemente cortada por um suporte que termina de forma abrupta. Apesar disso, são lugares inteiros, com a profundidade dos planos passíveis a serem percorridos. Facilmente adentramos neles, caminhamos por entre as árvores de troncos rugosos, pisamos as folhas secas caídas e inspiramos o cheiro a floresta. As suas cores e texturas roçam o irreal, a fantasia, um convite à entrada num lugar delirante e, talvez por isso, um lugar curativo. Vejo estas paisagens de forma sequencial, complementar, ramos que terminam e germinam novamente, bosques que se prolongam na tela seguinte, num movimento contínuo e infinito. Poderíamos percorre-las continuamente e nunca lhes encontrar um fim.

Nos gestos fluídos de Engrácia Cardoso, podemos decifrar ervas floridas ao vento, de tonalidades quase impossíveis de imaginar, mas que existem porque a artista as encontrou. É um riquíssimo mundo vegetal que, ampliado até ao limite permitido pela folha de papel, sugere que poderia continuar a crescer a qualquer momento, tomando como suas todas as paredes. Ficaríamos submersos em plantas de dimensões desproporcionais, com cores tão vivas e vibrantes que nos ferem o olhar, acordando-o. É preciso alguma destreza para percorrer esta flora tão densa, não conseguimos ver mais do que uns meros centímetros à nossa frente, muito menos onde termina. Sentimos a humidade da terra fresca.

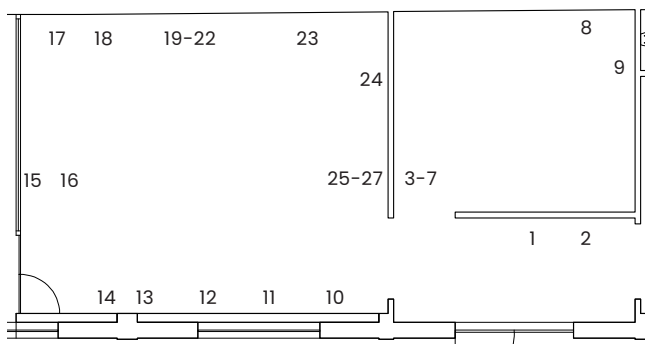
Há uma história, um diálogo temporal e espacial entre estas paisagens. As paisagens macroscópicas de Délia contrapõem-se à microscopia ampliada de Engrácia e, quando penso nesta dicotomia, imagino que, munida de uma lupa, conseguiria ver cada micro-paisagem de Engrácia numa pequena pincelada de Délia. Há uma primeira germinação, uma vida que prospera nas obras de Engrácia, para que as obras de Délia possam existir. Este é um movimento contínuo e eterno, desde que a primeira erva brota da terra até à completude de toda uma floresta. Um mundo dentro do outro, a parte dentro do todo, em completa harmonia.

Na galeria principal, os nossos sentidos são despertados pela sinfonia de cores e gestos, pela sequência das diferentes escalas e das distintas texturas. Há várias histórias a serem propostas, seja pela sucessão e disposição das obras, seja pelas suas relações cromáticas e estéticas. Na mesa, uma mostra dos cadernos de Engrácia, a sua pesquisa incessante do mundo vegetal com desenhos, amostras de cores e plantas recolhidas durante os seus passeios na natureza.

Na galeria menor, foram criados dois núcleos antipodais, no que diz respeito à sua representação daquilo a que chamamos "realidade". As paisagens outonais de Délia, apresentam-se em tons e formas muito semelhantes ao que os nossos olhos percebem como reais, apaziguando-nos os sentidos. No canto, uma paisagem-escondida dialoga com uma paisagem-poema, formas livres e indirectas através das quais Engrácia interpreta também estes lugares.

Nestas paisagens, consigo sentir o continuum da vida, da primeira semente que germina à folha morta caída no chão, movimento essencial à existência de todas as paisagens terrestres e também à nossa própria existência. Pergunto-me por fim,

Quantas paisagens cabem nos universos destas mulheres e o que me contam sobre elas?



Délia de Carvalho

2, 3, 4, 5, 6, 7, 11, 13, 14, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 27

Engrácia Cardoso

1, 8, 9, 10, 12, 15, 16, 17, 23, 24

## Notas biográficas

**Délia de Carvalho** nasceu em França, 1975. Vive e trabalha em Guimarães e é docente do grupo de Artes Visuais. Como habilitações académicas possui o Bacharelato em Desenho na Escola Superior Artística do Porto em 1995/97 e Licenciatura Design Industrial pela Escola Superior de Artes e Design em 1997/99, Portugal.

É possível ver o seu trabalho em publicações, das quais se destacam: "Portuguese Soul", julho Portugal 2022; "ART MAGAZINE 2019", Holanda; "ATTITUDE Interior Design Magazine" março-abril, 2018; "Leitura Furiosa" Edição: Le Monde Diplomatique, 2018; "Coleção Maria José Laranjeiro", 2012.

Acervo: Palácio do Congresso Nacional – Câmara dos Deputados, Brasil; Fundação Maria José Laranjeiro, Guimarães; Borderless Arts Macau; Casa Municipal da Cultura, Praia da Vitória, Açores e Casa Municipal da Cultura, Fafe.

Múltiplas exposições coletivas e individuais em Portugal e exposições individuais internacionais: Macau, Brasília e uma Mostra de Artes "Off Festival" em Munique.

Menções honrosas, 2007 "Aveiro Jovem Criador 2007" e "Prémio Salúquia às Artes", Moura, 2011, uma das fundadoras do evento Guimarães noc noc com edições anuais na cidade de Guimarães.

**Engrácia Cardoso** vive e trabalha em Lisboa. Mestre em Artes Plásticas-Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e licenciada em Desenho pela Escola Superior Artística do Porto.

Desde 2002 desenvolve trabalho para exposições individuais e coletivas.

Em 2022, Instalação Lost Property no Hangar do Antigo Quartel GNR, Largo Residências, Lisboa; Complexo Cultural da Levada, Tomar; Galeria na Montra, Lisboa; Convívio, Associação Cultural, Guimarães; Arte na Paisagem, Guimarães.

Expôs em Colônia e kaiserslautern, Alemanha, 2018; Bienal Internacional de Cerveira 2017; Casa das Histórias, Cascais 2016; Bienal de Arte Gaia, Fundação José Rodrigues, Porto, 2015

Participou em residências artísticas: Weg Mit Kunst, Kaiserslautern, Alemanha, 2014, 2009 e 2005; Jumelles, Compiègne, França, 2006.

Produziu a instalação Migrações-Teleférico Dinâmico - Capital da Cultura, 2012 Guimarães; Galeria de Arte, Abrantes 2011; MV / C + V, Centro Cultural Vila Flor, Guimarães, 2009; Fundação do Prémio La Caixa, Barcelona, Espanha 2008; Prémio Amadeu de Souza-Cardoso, Amarante; Bienal de Cerveira, 2007; Biblioteca Nacional, Lisboa, 2005; VIII Prémio Fidelidade, Culturgest, Porto, 2004; VIII Prémio Fidelidade, Culturgest, Lisboa, 2004.

Selecionada para- II Bienal de Desenho de Almada, 2018; Prémio Paula Rego - Casa das Histórias, Museu Paula Rego, Cascais 2016 e Fundação do Prémio La Caixa, Barcelona, Espanha, 2008.

Vencedora - Bolsa Prémio Viagem Henrique Silva, Bienal de Cerveira em 2008/2009 e do VIII Grande Prémio de Pintura Fidelidade Mundial, 2004.

Está representada em coleções particulares, publicas, nacionais e internacionais.

**Maria Luís Neiva** é Licenciada em Arquitectura, pela Escola Superior Artística do Porto (2002), é Mestre em Estudos Artísticos - Museologia e Curadoria, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, com o projecto expositivo *Adolf Loos: Nosso Contemporâneo, Sobre a Exposição no CAAA* (2013) e Pós-Graduada no programa MA Cultural Astronomy and Astrology, University of Wales Trinity Saint David, destacando-se a investigação *The Sauna of Citânia de Briteiros: A Skyscape Study* (2020).

Iniciou a sua prática como arquitecta no Porto em 2002, tendo trabalhado em Nova Iorque entre 2006 e 2009, altura em que regressou ao país. Em Guimarães, co-fundou o CAAA Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura em 2010, onde desempenha desde então as funções de curadora, programadora e produtora nas áreas da arte e arquitectura, em simultâneo com a prática de arquitectura e a investigação nas áreas da Arqueoastronomia, Arte e Espiritualidade.

As obras em exposição estão disponíveis para aquisição. Contactar através do email [geral@centroaaa.org](mailto:geral@centroaaa.org)

09.09 • 04.11.2023



CAAA Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura



CÂMARA  
MUNICIPAL DE  
GUIMARÃES